



Jardim Publico, Benguella — por Jiberio J. d'Oliveira

## A NOSSA INTERRUÇÃO

Foi de dois mezes e pareceu-nos dois seculos! Custou-nos esta separação do amavel contacto com os nossos bons leitores; mas a isso fomos obrigados por necessidade absoluta de termos em ordem a nossa contabilidade.

A nossa revista custa rios de dinheiro e o nosso cofre estava exaustão! Exaustão, não porque tenhamos sido perdularios, mas por que o custo das assignaturas não tinham entrado como deviam—e é esse o nosso unico recurso de vida.

Este interregno foi-nos tanto mais custoso que em 3 annos de vida foi o unico havido—mas esperamos que seja o ultimo. Para que tal succeda, rogamos a alguns assignantes que, pelas suas residencias fóra dos centros postaes, nos não tenham ainda enviado a importancia das suas assignaturas — a grande fineza de o fazerem.

Mas se é certo que o «Echo» deixou de sair, essa falta foi em parte supprida

pela edição gratuita editada pela «Agencia Photographica», as «Novidades Photographicas» onde collaboramos em algumas paginas, tendo o amator a par d'algumas novidades mais recentes.

## UMA CAVAQUEIRA

— Olé! Viva! Como vae o illustre cultivador da arte de Daguerre?! Então muitos trabalhos? Muitas coisas bonitas?

— Não Doutor, quasi nada. Este tempo é muito ingrato para a photographia, Dias pequenos, pouca luz...

— Eu bem digo. Você não leu as *Novidades Photographicas*? Pois leia meu amigo; é extraordinario o pouco interesse do nosso amator photographico por tudo o que lhe cheire a leitura! Leia, leia e verá o que lá se diz sobre a photographia, no inverno.

— Pois hei de lêr—Mas ainda que quizesse não tenho machina agora. Vendí a minha e queria mandar adaptar uma



objectiva anastigmatica de 6,8 de abertura e 13 cent. de foco da casa X... a uma camera  $9 \times 12$  *folding* da casa Z., mas não sei se terei tiragem sufficiente para poder fazer um retrato a um metro de distancia...

— Mas você tem uma formula...

— Lá vem o Doutor com formulas. Isso é bom para quem aprendeu mathematica e eu, como sabe, não levei tão longe os meus estudos...

— Não se afflija homem — A optica photographica não é uma coisa que você com os conhecimentos que tem não entenda. — Basta perder o medo ás letras.

— Então diga lá. Sempre quero vêr...

— A formula é esta:

$$\frac{1}{p} + \frac{1}{p'} = \frac{1}{f}$$

N'esta formula  $p$  representa a distancia do objecto á lente;  $p'$  a distancia da lente á imagem que se fórma no vidro despolido e  $f$  a distancia focal da objectiva.

— Até aqui vamos bem. Esse  $p'$  é o que eu preciso saber; é a tiragem, não é?

— Ora ahi está como você entendeu. Não é bem a tiragem mas é quasi — Este  $p'$ , tirando o seu valor n'aquella formula, é igual

$$p' = \frac{p f}{p - f}$$

Substituindo terá você

$$p' = \frac{100 \times 13}{100 - 13}$$

— Quer dizer que é preciso dividir 1300 centímetros por 87...

— E' isso mesmo — Terá pois você para  $p'$  o valor de 149 milímetros, digamos 15 centímetros de tiragem.

— Pois a camera que eu escolhi tem 22 centímetros de tiragem; por consequencia chega.

— E' claro — Você só tem de vêr se o modelo da objectiva é *rentré* — isto é, embutido, porque n'esse caso é preciso descontar a parte que fica para dentro da prancheta.

— Na verdade é muito simples a sua formula.

— A *minha* formula, não.

Esta formula chama-se a equação fun-

damental das lentes e é o ponto de partida de quasi toda a optica photographica.

Da mesma maneira se você quizesse saber, conhecendo a distancia da imagem no vidro despolido á objectiva, e o foco, qual era a menor distancia a que podia tirar um retrato, bastava calcular na formula o valor de  $p$  que é

$$p = \frac{p' f}{p' - f}$$

— Muito obrigado Dr. Vou já fazer a encomenda.

— Agora ahi vae mais um conselho. Se você sabe os requisitos a que deve satisfazer um aparelho photographico moderno, ha de vêr que só ha um hoje no mercado. Eu não lhe digo qual é porque você bem o sabe.

A. B. C.

## DOS MATERIAES E SUA ESCOLHA

### ESPECIALMENTE CHAPAS E LENTES

Para as pessoas que teem o capricho de usar uma machina photographica, meramente para preencher horas de ocio, em casa ou no campo, qualquer aparelho basta, qualquer objectiva serve, qualquer chapa convem. Quando, porém já ha uma certa noção do que seja a photographia, e se queiram ensaiar trabalhos com alguma seriedade, facilmente se reconhece a necessidade de escolher um *bom* material, ao qual se dá tanto mais valor quanto melhor se conhece e mais se usa. E se o material mais caro fosse sempre o melhor e o mais adequado a toda a especie de trabalho, a escolha era facil — era comprar mais caro; mas não é assim.

A primeira coisa a attender é á camera que sem necessidade de ser um objecto luxuoso e de complicações mechanicas, precisa todavia possuir pelo menos as condições de vedar absolutamente toda a luz, ter movimentos de descentramento, e conservar tanto quanto possivel o paralellismo entre o topo que supporta a objectiva e o topo onde se mette a chapa.



Segue-se naturalmente a escolha da lente e aqui começa verdadeiramente o interesse pelo estudo das objectivas para os que querem obter ou procuram possuir uma lente melhor. Isto origina entre os amadores, comparações, investigações em livros, catalogos, trabalhos, etc., consultas aos amigos, aos vendedores, aos fabricantes, etc. Compra-se emfim, uma lente melhor, e muito felizes serão aquelles que se contentem com ella procurando estudal-a, procurando saber uzal-a conscientemente nogenero de trabalho a que especialmente se dedicam. Mas geralmente não se fica por aqui, e o desejo insaciavel de mudar sempre não tarda em se manifestar: e é esse desejo desenfreado que faz a prosperidade de algumas firmas fabricantes, que teem preços verdadeiramente phantasticos, que se mantem pela extravagante tendencia que toda a gente tem de se deixar ir na corrente da fama, mais avolumada pela habilidade de intermediarios de taes firmas, e inhabilidade ou incapacidade dos compradores, do que pela verdadeira e effectiva superioridade das suas lentes applicadas aos trabalhos photographicos vulgares.

E' corrente encontrarem-se nas mãos de amadores, e principalmente de profissionaes clichés d'uma perfeição inexcedivel, obtidos com objectivas de baixo preço. Isto não quer dizer que todas as objectivas baratas sejam boas, mas significa que ha fabricantes que produzindo lentes de qualidades, rivalisando com as mais afamadas de outros, todavia as vendem por preços muito mais baixos. Especialmente nas modernas anastigmatas é que essas differenças de qualidades se tornam tanto menos sensiveis quanto n'uma razão inversa mais se distanciam os preços, havendo actualmente algumas marcas allemãs cujos preços são duplos de outras qualidades dando perfeitamente os mesmissimos resultados, como são por exemplo, as dos fabricantes E. A. Staley & C.<sup>a</sup>, de Londres, e Busch Rathenou, de cujas lentes experimentadas e analysadas nos laboratorios physicos de Londres e Berlim, pelas melhores auctoridades no assumpto são reconhecidas como não tendo nenhuma superior em nenhuma das melho-

res marcas. Se o amador conhecer estas coisas, que necessidade tem de dar réis, 500000, por uma objectiva d'uma marca de muito nome aqui, quando por menos de metade pôde comprar outra de resultado rigorosamente igual, debaixo de todos os pontos de vista. Certamente que se o faz, é por ignorancia, e é d'esta ignorancia que se aproveitam os interessados em vender as marcas que mais lhes deixam, por serem de maior preço, e que maior fama adquirem pela maior procura inconsciente.

Isto que se dá com objectivas da casa Staley ou Busch que são casas de 1.<sup>a</sup> ordem, dá-se com outras de 2.<sup>a</sup> ainda com mais facilidade com outros materiaes no numero dos quaes entram por ordem immediata as *chapas*.

As variedades que ha d'estes productos conforme os fabricantes, os typos que cada um cria, os climas em que se empregam os generos de trabalhos a que se destinam, constituem uma verdadeira difficuldade para a escolha do amador que ouve fallar n'essa variedade infinita mas de que não pode experimentar todas as marcas, não tendo a oriental o as publicações da especialidade não conseguem o que ás vezes é facil. Assim, tenho notado que entre nós teem um consumo muito limitado as chapas orthochromaticas, porque me acontece frequentemente correr todos os estabelecimentos de Lisboa e não as encontrar, ou em contral-as já *atrasadas* de uma marca consagrada entre nós, mas que não correspondem ao nome que teem, nem á generalidade dos trabalhos a que é destinada.

Ora n'um clima como o nosso, com a nossa luz, com a variedade das cores que nos apresenta a nossa flora, as nossas cidades, o que quasi devia usar-se exclusivamente eram as chapas orthochromaticas, mas ao contrario essas é que faltam quasi completamente, porque os amadores não lhes conhecem as vantagens e não as procuram.

Mas se por ventura uma casa começar a reclamar-as por vantagem propria em as introduzir no mercado, todos vão comprar essa marca, que assim firma, apenas pela procura inconsciente, a sua reputação, elevando correspondentemente



os seus preços. E o amator ignorante de que ha outras marcas melhores e mais baratas vae sendo explorado pelos fabricantes no preço dos productos e nas qualidades que lhes attribuem.

Quando eu comecei a experimentar e usar as orthocromaticas, aconteceu-me como a toda a gente: como só conhecia as de uma conhecida marca franceza experimentei-a, mas sem resultados. Passei depois, por as ver annunciadas n'um catalogo, para umas marcas allemãs e verifiquei que obtinha melhores resultados. Mas por ultimo tambem experimentei entre outras marcas inglezas, a de Wratten e Wainwright com as quaes, ou porque sejam na verdade superiores, ou porque tenham qualidades especialmente convenientes ao nosso clima, o certo é que tenho obtido resultados nunca atingidos antes com outras chapas, e aos amadores artistas que desejam trabalhos acima do vulgar, recommendaria taes chapas de Wratten e Wainwright que com os écrans K dos mesmos fabricantes dão para paisagem, como n'outros trabalhos, resultados surprehendentes.

As graduações de tons que se obteem são admiraveis.

Proximamente trataremos em artigos especiaes tanto de objectivas como de chapas. B. L.

---

## PROCESSO PARA FACILITAR A REVELAÇÃO DOS PAPEIS

### Genero «Radios» ou «Velox»

O apparecimento da imagem sobre os papeis genero «Velox» é quasi instantanea; d'ahi resulta uma grande difficuldade para a apreciação do momento em que a revelação está terminada.

Se para evitar este inconveniente se dilue o revelador, a revelação é retardada na realidade, mas os negros tomam então uma côr esverdeada das mais desagradaveis.

Pode-se por um processo puramente physico, retardar a penetração do revelador na camada sensivel e demorar assim a propria operação da revelação.

Basta para isto dissolver no proprio revelador ordinario (diamidophenol, me-

tol hydroquinone, metoquinone etc.), uma certa quantidade de assucar.

O effeito d'este agente de maneira alguma é comparavel ao dos brometos alcalinos cuja acção é de ordem puramente chimica.

Pela addição do assucar não se nota a menor modificação na nuance da imagem revelada e ella não dispensa a addição de brometo na quantidade precisa para cada marca de papel e para cada revelador.

Com o mesmo cliché, varios pedaços de papel «Carton Velox» foram impressionados durante o mesmo tempo. Um d'elles revelado no revelador ordinario de metol e hydro-quinone forneceu a imagem completa ao cabo de cinco segundos. Os outros fragmentos não foram revelados senão após a addição de quantidades crescentes de assucar. Se a 100 centimetros cubicos de revelador se ajunta uma colher de café de assucar cristalizado (seja aproximadamente 9 grammas) a revelação não se encontra terminada senão ao cabo de dez segundos.

Duas colheres de assucar prolongam a revelação até vinte segundos e quatro colheres fazem-n'a levar um minuto.

Exagerando estas dozes e utilizando um xarope formado pela dissolução de sete colheres de assucar em 100 centimetros cubicos de revelador póde chegar-se a prolongar a revelação durante cinco minutos sem que a pureza dos brancos d'isso se resinta e sem que a menor coloração verde appareça nos negros.

Tentou-se substituir o assucar pela glicerina mas não se obtiveram resultados satisfatorios.

A. B. C.

---

## MATERIAL NOVO E SUAS APLICAÇÕES ↓

A maior parte dos amadores e mesmo profissioaes, sentem pruridos de acompanhar o progresso extraordinario da photographia, usando novos papeis, chapas, apparatus e mil utensilios cuja utilidade lhe é aconselhada por prospectos a esmo e pelas revistas do *métier* —mas a annullar esses pruridos de civilisação vem a incerteza da sua effica-



cia e quiçá a falta de conhecimentos detalhados da sua forma] d'applicação e manipulação.

Sob a apigrapha *Material novo e suas applicações*, vamos iniciar uma nova secção que tem por objectivo passar em revista todas as novidades que dia a dia apparecem nos mercados estrangeiros, sua descripção detalhada, suas vantagens ou inconvenientes e sobretudo a maneira pratica de empregar este ou aquelle material, esta ou aquelle machina.

Começamos hoje por :

### COLLAGENS ARTISTICAS

O bom acabamento d'uma prova photographica póde dar-lhe fóros de artistica ou mata-la por completo; e chama-se *acabamento* ás operações finaes como calibragem, collagem e escolha do suporte.

A boa calibragem, e a adquada escolha do suporte dependem em grande parte do gosto artistico do operador. Nem a calibragem nem a escolha do suporte é banal.

Na calibragem, áparte a essencial condiçãõ dos bordos deverem ser cortados nitidamente, ha a boa esthetica do assumpto, ou deixando aqui mais ceu ou mais terreno, cortar de fórma que uma certa arvore fique mais ao centro ou mais ao lado, promover emfim, pelo corte racional da prova a collocaçãõ harmonica d'uma figura com relaçaõ ao conjuncto da photographia.

A escolha do cartãõ nada de vulgar tem tambem. Um cartãõ uniformemente *gris* para platina e um outro d'uma outra cõr uniforme para papeis genero citrato, representa um gosto absurdo, desconhecer as mais rudimentares leis da harmonia.

Nãõ queremos repetir aqui o que escrevemos n'um dos numeros anteriores, sob a epigrapha *Papeis estheticos*; mas a sua leitura recommendamos de novo e com attençãõ.

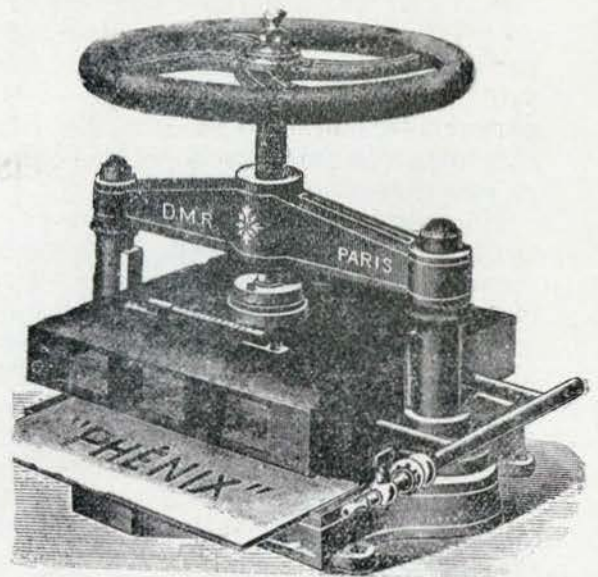
O photographo de bom gosto deve possuir uma collecçãõ infinita de cartões de tons variadissimos, porque *platinas* ha que exigem a cõr *gris*, outros negra, outros branca outros emfim, amarella. Com os *citratos* o mesmo succede. Vi já até um rosto lindo de mulher impres-

so n'um platina admiravelmente collado n'uma cartõilha rosa avermelhado — d'um effeito surprehendente. Era um trabalho austriaco.

As grandes photographias estrangeiras quasi aboliram por completo o velho cartãõ. Hoje usam apenas cartõilhas (papeis estheticos) de variadissimas colorações. Para escolher esta ou aquella cõr para uma photocopia, estendem sobre uma grande meza muitas cartõilhas de nuanças differentes, e veem, sobre cada uma d'ellas, o effeito produzido pelo conjuncto. E' assim que elles apreciam a cõr que *vae* melhor com cada individuo ou com cada assumpto.

As *applicações* sobre cartãõ ou cartõilhas (papeis estheticos) estãõ tambem muito em uso e extraordinariamente contribuem para augmentar o effeito artistico d'uma boa prova.

Aos que por ventura ingnorem o que sejam *applicações*, diremos que se designa assim uma folha de papel ou cartõilha que, de dimensões um pouco maiores que a prova, se colla entre ella e o cartãõ ou papel esthetico, formando como que um pedestal artistico, uma degradaçãõ de cores que, quando bem orientada, dá como que mais vida e maior relevo á imagem.



As collagens, tanto das *applicações* como das provas, podem executar-se pelos processos ordinarios; mas é de todos conhecido que uma boa collagem é sem-



pre difficil por taes processos, quer a molhado quer a secco — deixando o resultado final sempre a desejar sobre o duplo ponto de vista esthetico e artistico.

Então, sobre papeis estheticos, o effeito produzido por qualquer d'estas collagens é detestavel! O tódo apresenta sempre uma tendencia a enrolar-se, a uma deformação detestavel á vista.

Em França e outros centros d'arte, qualquer d'estes processos de collagens estão quasi completamente postos de parte, mesmo abolidos por completo.

A unica fórma de se obter uma collagem perfeitamente artistica é por meio da collagem a secco e simultaneamente a quente, empregando-se para tal fim prensas especiaes que tornam esse trabalho facilimo e de rapida execução.

Já entre nós alguns dos bons photographos usam este processo de collagem.

Estas prensas, relativamente caras, não são accessiveis a todos os amadores; mas deve ser um accessorio de todo o profissional e de todo o amator que as possam adquirir.

Conforme a nossa figura representa, a prensa de collagem apresenta a fórma de uma prensa vulgar de copiar cartas. A um dos lados tem uma lampada d'alcool ou um systema de aquecimento a gaz, que serve para aquecer os pratos da prensa. Sobre o prato superior, (que é no geral onde o calor actua) está um thermometro que serve para regular o grau do aquecimento. Em cima um volante para a pressão entre os dois pratos.

No processo de collagem á prensa e a quente não se usam collas. Em lugar da colla, emprega-se um *adhesivo especial*, que é formado por uma pellicula extraordinariamente delgada, que se colloca entre a prova e o cartão, ou entre aquella e a *aplicação* e por sua vez entre esta e o cartão ou cartoniha e que, fundindo-se pela pressão quente dos dois pratos da prensa, origina uma collagem perfeitissima, inegalavel por qualquer outro processo.

Explicaremos o processo de collagem detalhadamente.

Corta-se uma folha de *adhesivo* igual á prova antes de calibrada e faz-se adherir a esta, em dois sitios quaesquer, to-

cando em dois pontos differentes e opostos, por exemplo, com um ferro qualquer aquecido. Preso o adhesivo á prova, calibra-se o tódo no formato que se deseje dar a esta.

Suppondo que se deseje tambem, sobre o cartão ou cartoniha, uma *aplicação*, trata-se esta pela mesma forma descripta acima, para a prova, calibrando-se tambem o tódo (*aplicação* e seu respectivo adhesivo) no formato que a *aplicação* deverá ter.

Ha calibres de provas e calibres respectivos para as suas *aplicações*.

No caso de haver 12 provas a collar, para maior rapidez, arranjam-se primeiro as 12 provas e respectivas *aplicações* procedendo-se depois á *collagem*.

Para esta operação começa-se por aquecer a prensa, cuja temperatura deve ser de 80<sup>o</sup>, salvo em papeis muito grossos em que poderá subir até 100<sup>o</sup>, nunca mais. A experiencia ensinará melhor a temperatura para cada papel.

Sobre o cartão ou cartoniha se collocará, bem centrada, a *aplicação* (se se pretender usal-a) levando-se, cartão e *aplicação* á prensa (*aplicação* voltada para cima), tendo-se collocado por debaixo do cartão um outro cartão servindo de intermediario, de maiores dimensões, sobre que se faz pressão por meio do volante. O prato superior deverá descer docemente, sem choque, sobre a *aplicação*. A pressão deverá ser regular, não demasiadamente forte e a sua duração deve durar entre 4 a 5 segundos.

Uma vez collada a *aplicação* procede-se exactamente da mesma forma para a collagem da prova.

Esta prensa deve ser acompanhada de duas placas de zinco, que se destinam ao contacto directo com a prova, portanto, a ser collocada entre esta e o prato superior.

Uma d'estas placas deve ser nikelada e polida e a outra matte. Esta deverá usar-se quando se collem provas mattes e aquella quando a prova fôr brilhante.

Só com o uso da prensa de collagem a secco se podem obter collagens artisticas, de effeitos estheticos admiraveis.

A collagem a secco é pois o processo de collagem do futuro, o unico racional,



o unico que faz realçar uma prova boa, e quicá que poderá fazer parecer boa uma mediocre.

*Julio Sampaio.*

## ENVERNISAMENTO RACIONAL

Tanto ao amator pouco experiente como ao mais experimentado profissional acontece muitas vezes ir encontrar nas suas collecções negativos de grande valor, quasi completamente inutilizados por manchas, por buracos, ou por uma especie de bolor que se formaram na gelatina mesmo tendo tomado as precauções habituaes, isto é, o envernissamento do cliché depois de secco e suppondo-o bem lavado.

E' fóra de duvida que as condições essenciaes para a conservação dos negativos é uma boa lavagem, e o seu envernissamento depois de bem secco: mas acontece frequentemente que apesar d'estas operações a gelatina apparece estragada, e isso é, indiscutivelmente devido ou á má execução de qualquer d'estas duas operações, ou a uma causa, e esta é o não estarem ainda perfeitamente bem seccas as pelliculas quando se lhes applica o verniz.

Effectivamente, todos sabem que lavando mal os clichés, de fórmula que o hyposulfito não seja totalmente eliminado, ellas se estragam irremediavelmente em pouco tempo. Todos sabem igualmente que apesar da boa lavagem e do envernissamento, encontram-se ás vezes os negativos estragados. N'estas condições podem dar-se dois casos: ou o envernissamento foi pouco cuidado e não cobriu por inteiro a superficie da gelatina, deixando-a em certos pontos em contacto com o ar, que fornecendo-lhe humidade a deteriorou, ou esse envernissamento foi bem feito mas a gelatina não estava completamente bem secca e a humidade que continha estragou a.

Conhecidas pois as causas da deterioração facil é evital-as e produzir negativos de uma duração indefinida.

Assim depois de se ter fixado bem o negativo e de o ter lavado por tempo nunca inferior a 30 minutos, se a lavagem é feita em agua corrente e sem o

emprego de algum eliminador, mette-se n'um banho de formol, lava-se de novo ligeiramente e deixa-se seccar como de costume. Depois para que a seccagem apparente se faça fundamentalmente, aquece-se bem o cliché na occasião de o envernissar, porque este aquecimento expulsa qualquer humidade que porventura se conservasse na gelatina. Ainda é de boa pratica uma outra operação insignificante, e consiste em tirar em volta dos bordos das chapas uma tira de gelatina da largura de um ou dois milímetros, para haver a certeza absoluta de que o verniz cobrirá bem toda a gelatina, o que pode não se dar no caso em que se não tome muita attenção em cobrir com elle bem as bordas da gelatina.

Novembro 908.

*B. L.*

## CONSELHOS AOS QUE SE FOREM RETRATAR

Quem se dirige a casa do photographo para *tirar o retrato* não tem em geral a menor noção do que lhe fica bem, como deve vestir-se e o que deve fazer para que o seu retrato seja bom, quero dizer natural.

Vamos pois dar alguns conselhos para evitar que se deem verdadeiros desastres dos quaes o photographo não tem a maior parte das vezes culpa, já porque não ha de mandar o seu cliente embora a mudar de roupa, já porque outras vezes o cliente tem a sua vaidade contra a qual não lhe compete ir sob penna de perder o freguez.

Não vestir nunca um fato novo para ir ao photographo; as pregas serão tão pouco naturaes, estareis tão pouco á vontade que o retrato será o de um manequim.

Não se deve ir ao barbeiro pentear—O cabello ficará naturalmente empastado e muito em ordem dando um effeito desgracioso á physionomia.

As senhoras devem evitar os penteados muito complicados, muito phantasticas, mesmo que seja a ultima moda, por-



que um tal retrato terá um cunho de momento, mas uma vez passada a moda o retrato não valerá nada.

Devem antes tirar o seu retrato com o penteado que habitualmente trazem e com que a maior parte das pessoas amigas ordinariamente as veem.

O mesmo se poderá dizer das *toilettes*.

Os vestuários brancos dão um effeito a maior parte das vezes desagradavel; as pregas e os enfeites apparecem mal.

Uma *bôa* de pennas ou um *fichu* de rendas negligentemente deitado sobre os hombros adoçam a maior parte das vezes, a physionomia—As luvas fazem parecer mais pequenas as mãos do que o são na realidade.

Acima de tudo se quereis que o vosso retrato tenha uma expressão natural fazei todo o possível para esquecerdes que estaes no atelier do photographo. Tenho visto quem vá tirar o retrato com emoção igual aquelle com que iria tirar ... um dente!

A não ser que haja urgencia absoluta não vos photographei se estaes doente ou mesmo ligeiramente incommodado ou apprehensivo ou de mau humor.

Um retrato *busto*, limitado segundo o uso aos hombros, é em geral, bem mais gracioso que um retrato *de pé*.

Se podeis ide ao photographo de caruagem; embora vos pareça uma despeza inutil o vosso retrato lucrará com isso.

A. B. C.

## PREPARAÇÕES DE PAPEIS

### Papeis «Chromato de cobre»

O processo de Benham, de bichromato de cobre, não é uma novidade, mas como os amadores artistas andam sempre procurando processos novos, ou diversos, que lhes proporcione variar as suas tiragens para por sua vez variarem o seu album, vamos lembrar o citado processo com as modificações que o Progreso lhe tem introduzido.

E' bem simples semelhante processo. Consiste em sensibilisar, na camara escura, um papel (bem encollado) na seguinte solução:

Agua distillada.....	170 c. c.
Sulphato de cobre.....	8 g.
Bichromato de potassa.....	15 g.

Esta solução que deve ser filtrada, conserva-se longo tempo desde que seja posta em frasco amarello e ao abrigo da luz.

Dillaye prefere o bichromato de ammoniaco por ser mais rapido e—diz elle—dar maior finura á imagem. A formula n'este caso é:

Agua distillada.....	170 c. c.
Bichromato de potassa.....	7 g.
Bichromato de ammoniaco..	8 g.
Sulphato de cobre.....	8 g.

O papel sensibilisado é secco ao abrigo da luz. E' impresso á luz do dia e a vinda da imagem póde seguir-se como no processo a platina e como se fosse papel platina deve ser a impressão, isto é, deve suspender-se quando as fracas tintas começam a desenhar-se francamente. Chegando a impressão a este grau, lava-se a prova muito bem até que a agua seja bem pura e que os brancos, por transparencia, não apresentem a menor coloração amarella.

Esta operação é conveniente ser feita em logar fracamente illuminado.

Após a lavagem, a imagem apparece-nos enfraquecida; mas então procede-se á sua revelação que é feita com o banho seguinte:

Agua.....	100 c. c.
Acido pyragallico.....	1 g.
Acido acetico glacial..	10 c. c.

Ao começo, n'este revelador, a imagem vela-se, mas a breve espaço de tempo apparece-nos de novo ao fim de meio minuto e *crece* até tomar um bom tom sépia. A imagem não se velará emquanto o revelador não começar colorindo-se.

O que acabamos de expor, facilimo como é, tem, como todos os processos photographicos, os seus *senões*.

Para um bom resultado, é mister uma impressão em muito boa conta e uma lavagem muito perfeita. Como a imagem desaparece com longa lavagem, o operador tem tendencia a encurtal-a, o que é um erro.

A escolha do papel é tambem importante e o que prova melhor n'este pro-





Uma passagem e margem do rio Cutato, Bihé — por Francisco Cypriano Pio



cesso é o fortemente gelatinado tornado matte — o que se realisa seccando-o sobre um vidro finamente despolido.

Quem tiver trabalhado já com o papel platina verdadeiro, facil será trabalhar este com perfeição.

**Notas:** — Se a imagem fica velada pelo revelador, facil se torna clarifical-a mergulhando-a n'uma solução de acido oxalico a 1 0/0.

Se a imagem fica muito fraca, poderá reforçar se mergulhando-a n'uma solução de bichromato de potassa a 1/500 onde toma um tom castanho escuro; mas cautella, não prolongueis muito este banho para a imagem não velar.

Este papel, desejando-se modificar o tom final, é susceptivel de modificações; mas como o tom mais lindo é o *negrobistre*, só d'elle nos occuparemos.

Obtem-se juntando ao banho revelador 10 c. c. d'uma solução concentrada de sulphato de ferro. Deverá revelar-se a fundo, apesar dos brancos nos apparecerem d'um violeta que aterra. Elles reaparecerão puros com um banho de acido oxalico a 1 0/0 a que se submeterá a prova depois de uma boa lavagem que se deve seguir á revelação.

«Do Dr. Thiébaud.»

## A Photographia Profissional

### Conselhos para a recepção de clientes

— Ora muito bem, quando posso vir retratar-me?

— Amanhã, minha senhora, ao meio dia ou ás 3 horas, como melhor convier a V. Ex.<sup>a</sup>.

— Creio que será mais conveniente ás 3 horas. Sim, é isso, estarei aqui amanhã ás 3 horas.

— Perfeitamente, minha senhora, amanhã a essa hora aguardarei V. Ex.<sup>a</sup>.

Estas palavras soam como uma musica ao ouvido do operador, que acabou de exhibir um cem numero de specimens photographicos e empregou uma inexgotavel paciencia de doçura persuasiva para dicidir a cliente a photographar se.

Entre os predicados necesarios e indispensaveis que um bom operador deve possuir, é preciso que tenha, alliado a uma boa educação, um tacto especial, que o torne capaz de adquirir a confiança do cliente desde a sua entrada no atelier; que saiba comprehender ás primeiras palavras trocadas, os desejos d'elle, mostrando-lhe logo os specimens do genero de photographias que lhe convem e fazendo algumas delicadas allusões á perfeição dos resultados sempre obtidos o conduza finalmente a perguntar: «Quando poderei vir retratar-me?»

E' extremamente importante que o cliente seja recebido d'uma maneira affavel e captivante e que ao passar á galeria photographica vá satisfeito com os outros e consigo mesmo.

O operador, deve saber cercar-se d'uma tal atmosphaera de affabilidade e de bom humor que todo o cliente que se lhe approxime sinta a influencia. Esta disposição d'espirito reflectindo-se na expressão physionomica do modelo, faz com que a prova obtida fique mais perfeita.

A sala de recepção, deve tambem merecer especiaes attentões, sendo de todo o ponto conveniente que o seu estylo, o seu aspecto geral seja o mais attrahente possivel de forma que nenhum cliente saia do atelier sem ir favoravelmente impressionado, não só pelo conjuncto, como especialmente pela perfeição dos retratos expostos. Não se deve porem ali expor um numero consideravel de specimens, mas sim os melhores dos mais perfeitos. E' preciso não esquecer que nenhum cliente deixa de examinar antes ou depois de se photographar as diversas ampliações e miniaturas expostas na sala de recepção, sendo portanto esses trabalhos os melhores meios de reclame.

«O retrato em miniatura d'uma senhora muito conhecida no mundo elegante, collocado bem em vista no meu salão—dizia-nos um profissional—trouxe-me um tal numero de clientes novos, como eu nunca seria capaz de suppôr.»

«Da «Photography»





## ❖ A PHOTOGRAPHIA DAS CORES ❖

*Tratamento das chapas autochromas.*  
A secção da photographia das côres da Sociedade Franceza de Photographia convocada em assembleia geral, resolveu reunir de tempos a tempos, com o fim de experimentar processos novos, verificar, por meio da pratica, communicações recebidas, etc.

Atenta a importancia das chapas de côres, deliberou a secção occupar-se muito especialmente deste processo, realisando numerosas experiencias, principalmente sobre iluminação dos laboratorios, revelação acida e as novas formulas com o acido pirogalhico, indicada pelos irmãos Lumiere.

*Iluminação do laboratorio.* Preoccupada com os innumerados inconvenientes que resultam da revelação automatica, cujo successo depende apenas da rigorosa justeza do tempo de pose, a secção emitiu o parecer sobre a possibilidade de seguir a revelação das chapas, com uma iluminação bem escolhida.

Reconheceu-se que, utilizando uma corrente luminosa bastante fraca (lampada electrica de 5 velas) e *écrans* especiaes, poder-se-ia, sem receio de vê-lo apreciavel, examinar, de vez em quando, o aparecimento da imagem, sob a condição porém, de só começar esse exame depois d'uma immersão da chapa, durante um minuto, pouco mais ou menos, no banho revelador.

*Ecrans.* Com igual successo se experimentou:

1.º — Um *écran* violeta *doublé* d'um *écran* amarello, por recommendação de Mr. Personnaz, fabricado por M. M. Calmels.

Estes *écrans* vendem-se no commercio sob o nome de *écrans Invicta* e a sua combinação dá uma luz vermelho escuro.

2.º — Um *écran* constituido por chapas velhas debromuradas e coloridas com

1.º — Dahlia B. O.

2.º — Alaranjado n.º 2 (Poirier).

Este *écran* é indicado por Monpillard. *Revelação acida e formulas novas de Lumiere.* A secção fez varias experiencias sobre a revelação das autochromas,

donde parece resultar que a revelação acida, permitindo obter bons resultados em retratos e reproducções de vitraes, fornece, todavia, provas menos brilhantes do que a revelação com acido pirogalhico.

O diamidofenol acido apresenta sobre a antiga formula automatica com o acido pirogalhico, a incontestavel vantagem de dar mais amplitude á revelação; porem, com a iluminação acima indicada e com as novas formulas de Lumiere, todas as experiencias de comparação mostram a superioridade das provas reveladas com acido pirogalhico.

Recordaremos este processo de revelação:

1.º — Receando-se um grande excesso de pose, começa-se a revelação com

Agua.....	100 c. e.
Solução de acido pirogalhico a 15 %	20 —
Solução de amoniaco diluido a 1/4...	10 —

Dois minutos depois, se a imagem não aparece, juntam-se 5 c. c. de amoniaco diluido a 1/4 e revela-se em 6 a 7 minutos.

Caso a imagem, quatro minutos depois, não apareça, mergulha-se o *cliché* em

Agua.....	100 c. e.
Acido pirogalhico a 3 %	10 —
Solução ordinaria de amoniaco...	5 —

2.º — Julgando-se a pose exacta, começa-se a revelação com

Agua.....	100 c. e.
Acido pirogalhico a 3 %	10 —
Solução ordinaria de amoniaco...	4 ou 5 —

e juntar-se-ha amoniaco pouco a pouco, segundo o aparecimento da imagem.

Com este modo de operar, pode obter-se, d'um mesmo assumpto, *clichés* satisfatorios e muito equivalentes, não obstante os tempos de pose terem sido, a F. 8, de 10, 20, 40 e 80 minutos.

(«Photo-Revue»)





## CORRESPONDENCIA

**A. M.—Loanda**—Não temos duvida em attestar que a machina «Nettel» é a mais pratica e a que actualmente reúne maior numero de aperfeçoamentos. N'ella, V. S.<sup>a</sup> poderá adaptar a sua lente ou toda e qualquer lente e esse trabalho pode ser executado por V. S.<sup>a</sup> mesmo, sem qualquer auxilio extranho. Quanto á focagem, é isso egualmente facilimo e ao alcance de todos, pois todos o podem fazer visto o aparelho possuir vidro despolido e por elle marcar os focos a lapis, a tinta, a buril, como lhe aprouver.

Aparelho para ampliar e inverter os vossos *clichés*  $45 \times 107$  em  $6 \times 13$ , só existe um: é o «**Inversor Universal**» de C. Guillon. Este aparelho tem 2 folles e trabalha com chassis *rideaux*. Pode-se, com elle, fazer todos os mais phantasticos trabalhos de impressão estereoscopica, como: ampliar  $45 \times 107$  em  $6 \times 13$ ,  $8 \times 10$ ,  $9 \times 14$ , até  $9 \times 18$  e vice-versa, transformar *clichés*  $9 \times 18$ ,  $8 \frac{1}{2} \times 17$ ,  $6 \times 13$ ,  $9 \times 14$ , etc, em qualquer formato inferior até  $45 \times 107$ . Este aparelho é na realidade bem construido e as suas objectivas são boas, de Darlot. E' um aparelho considerado como de precisão e que o constructor marca com o preço de 125 frs.

**M. Oliveira — Porto** — Sobre machinas em segunda mão, queira V. S.<sup>a</sup> ter a bondade de dirigir-se directamente á «Agencia Photographica». Se para a compra de qualquer aparelho, quer novo, quer usado V. S.<sup>a</sup> carecer dos nossos serviços e fraca competencia, estamos promptos e gostosamente, a examinal-os e a juntar-lhe certificado do seu valor e estado. Podemos mesmo, gratuitamente, experimental-o, e mandar a V. S.<sup>a</sup> a prova obtida. Actualmente, o papel celodine que maior cotação está obtendo é o «Cello» de Lumière.

Mandamos a V. S.<sup>a</sup> duas chapas impressionadas ao mesmo tempo, uma azul Schleussner (Professionelle) e outra AGFA, vulgar. Como V. S.<sup>a</sup> verá, a perfeição é quasi identica, apresentando a Professionelle a camada mais perfeita, sem picos, grão mais fino e denotando um pouco mais de rapidez.

**Raul de Mattos — Alem-Tejo** — O negativo de V. S.<sup>a</sup> (o n.<sup>o</sup> 1), apresenta muitos defeitos: 1.<sup>o</sup> tem pose demasiada; 2.<sup>o</sup> é executado sobre uma chapa velha; 3.<sup>o</sup> está mal (insuficientemente) revelado. Já vê V. S.<sup>a</sup> que com tanta coisa má, não é de extranhar que dê má prova. Já o n.<sup>o</sup> 2, comquanto a chapa seja velha, tem uma pose optima e está admiravelmente revellada. Quanto a esthetica são ambos optimos.

## CONSULTORIO PHOTOGRAPHICO

Esta secção está ao incondicional dispor de todos os nossos assignantes. Qualquer assumpto ainda não tratado no nosso jornal e que desejem conhecer, ser-lhe-ha facultado esse conhecimento por meio d'esta secção. Quando se necessite resposta urgente, queiram enviar o porte do correio.

A toda e qualquer pergunta responderemos, resolvendo toda e qualquer duvida que se suscite.

## Condições d'assignatura (pagamento adiantado)

Portugal, Africa e ilhas	
1. <sup>o</sup> or anno—12 numeros .....	1 \$000 réis
Cobrança postal para o reino e ilhas 50 rs. para a Africa 200 rs.	
<b>Estrangeiro</b>	
Por anno—12 numeros.....	1 \$200 réis
ou o equivalente em moeda estrangeira	
Numero avulso 100 réis	
Redacção: — Rua Auea, 265 1. <sup>o</sup> — Lisboa	

## Condições d'annuncios

	em réis	em franc.
Por anno—pagina inteira.....	36 \$000.....	200
» —meia pagina.....	20 \$000.....	120
semestre—pagina inteira.....	20 \$000.....	120
2 2 —meia pagina..	12 \$000.....	70

Preço do 1.<sup>o</sup> anno do «Echo» luxuosamente encadernado 2 \$500 — Preço do 2.<sup>o</sup> anno luxuosamente encadernado 1 \$800 — Numero avulso do 1.<sup>o</sup> anno \$200—Num. avulso do 2.<sup>o</sup> an. \$100